



## 9º Seminário de Extensão

### **EU FRANCISCO, TU FRANCISCAS, ELE FRANCISCA... A IMAGEM DA CULTURA: A ORDEM POLIFÔNICA NO JARDIM SÃO FRANCISCO, PIRACICABA/SP.**

#### **Autor(es)**

---

JOSE LIMA JUNIOR

#### **Apoio Financeiro**

---

FAE

#### **1. Introdução**

---

Todo projeto de extensão deveria ser uma oportunidade da academia ultrapassar as categorias da episteme, recuperando-as na socialização do saber e nisso levando em conta o que os antigos gregos chamavam philia - um exercício da amizade... Toda amizade não se esgota na mera concordância entre seus envolvidos. Isso seria apenas um monótono eco a sustentar a mesmice. Na amizade há de acontecer o dissenso, a variação de perspectivas a favor da novidade gestora do poder do verbo... Todo verbo predica coisas e casos. Porém nem sempre sua enunciação soa redutível ao consagrado e sereno. Verbos também provocam rupturas e tensões. E estas não precisam e nem devem apresentar consoladoras e inquestionáveis soluções... Todo insolúvel revigora o verbo, estimula a amizade, projeta o extensivo...

#### **2. Objetivos**

---

Este artigo pretende comentar sobre três temas que compõem uma chave-referência no projeto por mim coordenado: extensão, cultura e polifonia. Também objetiva este artigo reconhecer e aplaudir a inestimável colaboração da Profa. Dra. Maria Thereza de Oliveira Azevedo no referido projeto. Sem sua participação seria impossível alcançar um bom termo. E mais especificamente, esse artigo ainda quer sublinhar méritos e creditar competência aos bolsistas Caio de Salvi Lazaneo e Jonathas Beck Ramos, alunos do Curso de Rádio e TV, da Faculdade de Comunicação da UNIMEP - realizadores desse projeto de extensão.

#### **3. Desenvolvimento**

---

Conforme relatado em março deste 2007, o projeto se desenvolveu numa primeira fase privilegiando um estudo mais teórico sobre a cultura popular, valendo-se principalmente de dois conceitos bakhtinianos: carnavalização e polifonia. Apenas para atender ligeiramente expectativas acadêmicas, lembro que o conceito de carnavalização se refere ao fenômeno da inversão hierárquica de valores típica da arte popular

(TEZZA, 2003, p.23). E quanto à polifonia, na acepção de Bakhtin está relacionada a paradoxos irresolúveis por ele detectados na literatura de Dostoiévski; funcionando a polifonia, portanto, como contraponto que multiplica a possibilidade de recepção do texto, do tecido de distintos fios entrelaçados (EMERSON, 2003, p.161 e 178). Agora nestas linhas relato que na segunda etapa do projeto foram captadas em áudio e vídeo várias e variadas situações da realidade dos moradores do bairro vizinho ao campus Taquaral da UNIMEP, o Jardim São Francisco. Depois de paciente trabalho de edição e finalização, ficou pronto o documentário de dezesseis minutos, intitulado FRANCISCANDO, que materializa o objetivo específico inicial do projeto. A propósito, numa tentativa gratuita, classifico esse documentário como um texto acadêmico em diálogo tenso com alguns textos colhidos no bairro. Estes, com efeito, e usando uma terminologia bakhtiniana, se configuram como um conjunto de enunciados da cultura popular, a revelar uma ideologia do cotidiano fragmentada no momento de sua ocorrência pela fala viva, acompanhada por um acento apreciativo determinado que lhe confere o estatuto de palavra (BAKHTIN, 1986, p.118, 123 e 132).

#### 4. Resultados

Quanto à extensão Quanto à cultura Quanto à polifonia , o documentário FRANCISCANDO apresenta uma teia de linguagens icônicas, sonoras, verbais, consubstanciadas numa sintaxe cinematográfica bastante tensa. Portanto, a recepção do documentário provoca e estimula desde seus primeiros segundos até ao final. E à guisa de registro neste artigo, ainda que impróprio e inócua comparado à fruição mesmo do FRANCISCANDO, vou cometer um comentário sobre algumas cenas, buscando privilegiar aspectos acima percorridos. Durante o primeiro minuto a câmera passeia irrequieta por desenhos de crianças, incluindo um desenho flagrado de ponta-cabeça (embora a perspectiva da criança indique um posicionamento aéreo coerente). São representações de casas, bares, campos de futebol, igrejas, escolas, ruas (com carros, caminhões, ônibus etc.). À medida que um determinado desenho aparece, uma sonorização compatível desse determinado local é sobreposta, compondo um mosaico audiovisual. Fragmentos em polifonia. Na metade do terceiro minuto é mostrada a diaconia do mistério eucarístico; e na metade do quarto minuto é revelada a anotação do jogo do bicho. De um tempo de fé a outro tempo de fé. Na antinomia dos valores a coincidência dos desejos. Crenças polifônicas. No sétimo minuto um depoimento sobre morte de parentes e adoção de filhos. São adultos contando casos tristes com palavras bem humoradas. E no rosto, emoldurando o brilho dos olhos, as pinturas exageradas devido à Festa Junina. No sorriso e no quase roçar das faces, a polifonia da carnavalização tragicômica. No nono minuto, um adolescente expressa sua vontade de vir a ser um jogador de futebol e outro garoto fala das diferenças entre pobres e ricos, e acrescenta sua preocupação com o egoísmo das pessoas e com os problemas de aquecimento da Terra. Discursos da subjetividade criativa e da criticidade objetiva. Polifonia do sonho e do pesadelo. No décimo primeiro minuto, a lua vela o bairro dormindo. Ruas desertas, portas fechadas, silêncio cortado pela Rodovia do Açúcar. E na imagem seguinte, um cão dorme em plena luz do dia, denunciando com suas patas ao vento, um sossego morno de Junho. Noite e dia com seus cromatismos polifônicos. No décimo terceiro minuto, uma preciosidade numa singeleza romântica. Uma viúva confessa como é sagrada uma lasca de parede onde seu finado marido passava a mão toda vez que ia tomar banho, arrastando seus cansados passos. Nessa lasca sobrevive a lembrança do curativo por ele aplicado à cicatriz de um andaime. E ainda hoje ela toca nos dedos dele ao acariciar o velho reboque ressurecto. Rimas do desenlace. Laços de imãs. Alianças. Êxtase epifânico, polifônico. No décimo quinto minuto, um grand finale chapliniano. Subindo uma suave ladeira é fotografado um ancião portando uma vareta de madeira e conduzindo um dócil animalzinho. Seria um cachorrinho ou uma cadelinha? Estão saindo ou voltando pra casa? É começo da manhã ou final da tarde? Polifonia do irresoluto. (focando a cultura popular), mesmo antes da efetiva realização do documentário FRANCISCANDO, ou seja, ainda no semestre inicial do projeto, os bolsistas adaptaram e dirigiram um filme de curta-metragem a partir de um episódio pitoresco na história do time de futebol comandado pelo Sr. Orlando - pioneiro do bairro. Esse filme, carnavalizando o verídico, ensejou algo parecido com a descrição de Bakhtin sobre a abolição provisória das diferenças e sobre a criação de um tipo especial de comunicação ao mesmo tempo ideal e real entre as pessoas, impossível de estabelecer na vida ordinária (BAKHTIN, 1987, p.14). A feitura do filme, batizado como AS MIRACULOSAS AVENTURAS DE FÁTIMA, foi para Caio e Jonathas uma espécie de rito de iniciação tanto na práxis cinematográfica quanto na imersão cultural

necessária para uma extensão universitária adequada ao cenário simbólico do Jardim São Francisco. Assim sendo, graças a um desvio o projeto ganhou (e muito) nesse particular técnico-prático. Enquanto era rodado FÁTIMA, aparentemente estava estacionado FRANCISCANDO. Sim, aparentemente; porque sem os oito minutos com FÁTIMA, FRANCISCANDO talvez não chegasse, como chegou, aos dezesseis minutos com a qualidade desejada. Em suma, as voltas na roda da cultura do Jardim São Francisco foram ensinando aos bolsistas como os mesmos deveriam tratar e ser tratados para que o viver mais comum pudesse ser re-significado como extraordinário e, assim, servir de imagem capaz de refletir as construções simbólicas dessa comunidade., tomada como um dos suportes da construção universitária, o projeto levado a cabo e a contento pelos bolsistas Caio de Salvi Lazaneo e Jonathas Beck Ramos precisa ser destacado em, pelo menos, dois pontos: Primeiro, a interação entre academia e sociedade não se deu de maneira postíça e eventual no caso dos estudantes Caio e Jonathas no Jardim São Francisco. Ambos moram no local. Óbvio que estar não é o mesmo que ser. E Caio e Jonathas (disso dou testemunho) passaram a ser parte daquela comunidade (em que pese o fato de comporem uma república de estudantes que, por definição, abriga colegas oriundos de outras cidades). No caso desse projeto, a experiência extensiva dos bolsistas não se deu por simples justaposição física e sim através de uma interação mais complexa, abrangendo dimensões intersubjetivas louváveis. Noutras palavras, presenciei um clima de rara *philia* entre os bolsistas e algumas pessoas que depois vieram a ser documentadas em vídeo. O segundo ponto, tão importante quanto o anterior, desdobra-se de uma iniciativa dos próprios bolsistas em agregar e liderar outros estudantes na participação do projeto. Isso ficou amigável e devidamente consignado nos créditos finais do documentário. Além de Caio e Jonathas, são citados os seus colegas Felipe, Gabriel, Luana, Mayara, Nicolas, Rodrigo, Sérgio, Tiago e Tomás (todos compondo um Sistema Coletivo de Imagem e Som). Repetindo noutros termos, o projeto formalmente assumido por dois estudantes acabou, por esses mesmos estudantes, sendo alegremente um projeto de extensão estendido para mais nove colegas (... aliás, a alegria é a prova dos nove, conforme Oswald de Andrade).

## 5. Considerações Finais

---

Só a sensibilidade e o carisma de Caio e Jonathas puderam sustentar o desenvolvimento e o resultado do projeto. Foram felizes no exercício da extensão universitária. E no contraponto desse predicado, confirmando a polifonia cultural, arrisco predizer que os bolsistas se encharcaram de Jardim São Francisco. Num futuro mais longínquo ou num rincão mais remoto, Caio e Jonathas (juntos ou separados) jamais deixarão de se sentir parte da comunidade onde viveram e estenderam seu aprendizado. Sem dúvida, para eles e para seus vizinhos e amigos, o patrimônio cultural da cidadania, coletivamente construído no Jardim São Francisco, carnavalizou erudição e senso comum, tensionando um polifônico franciscar.

## Referências Bibliográficas

---

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. UnB, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

EMERSON, Caryl. **Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro: DIELFEL, 2003.

TEZZA, Cristovão. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. R. Janeiro: Rocco, 2003.